

06 DEZ 2014 • 18:00 • SALA SUGGIA

ORQUESTRA SINFÔNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

STEFAN BLUNIER DIREÇÃO MUSICAL

1ª Parte

György Ligeti

Lontano [1967; C.11MIN.]

Unsuik Chin

Graffiti [2012-13; C.28MIN.; ESTREIA IBÉRICA]

1. *Palimpsest*
2. *Notturmo urbano* –
3. *Passacaglia*

2ª Parte

Sergei Prokofieff

Sinfonia nº 5 em Si bemol maior, op.100

[1944; C.45MIN.]

1. *Andante*
2. *Allegro marcato*
3. *Adagio*
4. *Allegro giocoso*

Portrait Unsuik Chin VI

Compositora em Residência 2014



casa da música

Maestro Stefan Blunier sobre o programa do concerto



WWW.VIMEO.COM/113630126



ORIENTE 2014

PATROCINADOR ANO ORIENTE APOIO ANO ORIENTE



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



GYÖRGY LIGETI

DICSŐSZENTMÁRTON (HOJE TÎRNĂVENI),

28 DE MAIO DE 1923

VIENA, 12 DE JUNHO DE 2006

Lontano

György Ligeti foi um dos maiores e mais originais compositores da segunda metade do século XX. Natural da Transilvânia, que hoje faz parte da Roménia mas cuja cultura era maioritariamente húngara, Ligeti estudou na Academia de Música de Budapeste após a Segunda Grande Guerra. Mais tarde foi lá professor. No entanto, ao ver as suas ambições artísticas extremamente limitadas pelo regime comunista, fugiu para a Europa Ocidental em 1956. Fixou-se primeiramente em Colónia, onde trabalhou ao lado de Karlheinz Stockhausen num estúdio pioneiro no domínio da música electrónica, e mais tarde em Hamburgo. O seu estilo maduro é o resultado de diversas influências, incluindo o seu passado húngaro, a sua experiência de estúdio e diversas correntes contemporâneas e do folclore; mas manifestou sempre uma personalidade única e distinta, por vezes com grande humor e sempre de modo visionário.

Ligeti compôs *Lontano* em 1967, em resposta a uma encomenda da Rádio do Sudoeste Alemão para o Festival de Donaueschingen desse mesmo ano. Instrumentada para grande orquestra sem percussão, é escrita na linhagem directa de duas obras anteriores da década de sessenta: *Atmosphères*, para orquestra, e *Lux aeterna*, para coro (ambas utilizadas por Stanley Kubrick na banda sonora do seu filme *2001: Odis-*

seia no Espaço). Em grande parte da sua duração total, as texturas de *Lontano* são feitas a partir da alternância entre nuvens de som criadas pela repetição das mesmas linhas a velocidades diferentes. (Numa biografia sobre Ligeti, Richard Steinitz demonstrou que todas estas linhas são baseadas numa única melodia de *Lux aeterna*.) Três passagens criadas a partir desta técnica são separadas por outras duas mais livres, interlúdios mais estáticos e instrumentados de forma mais esparsa. O primeiro começa com notas suspensas nos registos extremos (agudo e grave) da orquestra. O segundo com um *cluster* sustentado pelos violoncelos e o clarinete baixo. No fim da peça, as duas secções, de nuvens sonoras e de texturas mais esparsas, são sobrepostas.

O título da obra significa 'distante', e é regularmente utilizado na escrita orquestral para designar partes que são tocadas, ou soam como se fossem tocadas fora do palco. Neste caso significa certas mudanças de perspectiva dentro da orquestra, geradas pela gradação das densidades, variações de orquestração, camadas de diferentes dinâmicas e pelo próprio grau de dissonância dentro das harmonias (um bom exemplo são as oitavas que surgem cortando a textura como raios de luz). E a própria dinâmica é geralmente fraca, criando o efeito do som vir de longe, antes de se extinguir nos limites da nossa audição.

ANTHONY BURTON [2012]

Tradução: Rui Pereira

UNSUK CHIN

SEUL (COREIA DO SUL), 14 DE JULHO DE 1961

Graffiti

A maior parte de nós, quando confrontados com o termo “graffiti”, associamo-lo provavelmente aos gatafunhos um tanto ou quanto desolados sobre os muros ao longo da nossa paisagem urbana. Contudo, esta imagem está longe de traduzir toda a realidade: o graffiti é uma forma ancestral de expressão artística, que – inesperadamente, e sem nunca procurar assumir-se como “grande arte” – pode ser muito criativa. Nada menos do que artistas como Klee, Miró, Dubuffet e Picasso interessaram-se por ela (este último pintou mesmo alguns exemplos nos muros de Paris). Actualmente, o fenómeno muito interessante e controverso da Arte Urbana tem sido bem-sucedido na crítica à comercialização e uniformização das cidades, de forma espiritosa e ocasional. No seu melhor, os artistas urbanos têm conseguido opor-se às expectativas criadas pelos omnipresentes *mass media* e pela publicidade – pode encontrar-se alguns exemplos particularmente notáveis em metrópoles como Berlim, Paris e Nova Iorque.

Embora fosse este o estímulo inicial para *Graffiti*, a peça acabou por se ramificar em direcções bastante diferentes: está apenas muito vagamente, se de todo, ligada ao fenómeno da Arte Urbana (ou às artes visuais). A música não é ilustrativa nem é programática; o que restou do núcleo criativo inicial é pouco mais do que o título e a dialéctica entre primitivismo e requinte, algo que captou a minha aten-

ção em alguns exemplos mais notáveis de Arte Urbana. A minha ideia principal, no final, era compor música sem restrições de tempo ou lugar, e que explorasse fortes contrastes entre diferentes modos de expressão.

Os títulos dos andamentos dão uma pista sobre os diferentes modos, estados de espírito e estruturas da música. O primeiro andamento, *Palimpsest*, é polidimensional e com várias camadas; ouve-se alusões a uma multiplicidade de estilos, retirados do seu contexto original e justapostos de uma forma caleidoscópica.

O segundo andamento, *Notturmo urbano*, forma um contraste acentuado com a hiperactividade do anterior. Começa com sons de sinos distantes que se aproximam gradualmente, dos quais deriva o material musical de todo o andamento: da sua ressonância emergem relações simples de intervalos, que vão sendo submersas por mais e mais instrumentos. Em resultado, a música oscila entre a simplicidade e a micropolifonia extremamente complexa. Os instrumentos são usados muitas vezes de forma menos convencional: os sopros e as cordas usam um conjunto alargado de técnicas, o que contribui para o carácter distante e misterioso do andamento.

O terceiro andamento, tecnicamente muito exigente, é uma espécie de “passacaglia urbana” (o nome desta forma musical deriva, na verdade, do castelhano *pasar + calle* – caminhar [ou dançar] na rua). Formalmente, a passacaglia desempenha um papel central ao longo do andamento. Consiste em oito acordes incisivos, tocados continuamente pelos metais, embora sempre de uma forma diferente. Dois mundos colidem neste andamento:

os ataques dos metais são comentados por interjeições fugidias de diferentes instrumentos, com grandes variações no carácter e extensão. Estas observações fragmentadas são constantemente interrompidas pela passacaglia dos metais.

No seu conjunto, a linguagem musical de *Graffiti* alterna rudeza e requinte, complexidade e transparência. Contém uma riqueza contrastante e labiríntica, que não é tonal nem atonal. *Graffiti* exige dos músicos grande agilidade, virtuosismo e mudanças constantes de perspectiva; cada instrumento é tratado como solista.

UNSUK CHIN [2013]

Tradução: Fernando P. Lima

SERGEI PROKOFIEFF

SONTSOVKA (UCRÂNIA), 23 DE ABRIL DE 1891
MOSCOVO, 5 DE MARÇO DE 1953

Sinfonia nº 5 em Si bemol maior, op.100

Sergei Prokofieff mostrou desde cedo o seu talento como pianista e compositor. Entrou no Conservatório de São Petersburgo em 1904, onde estudou com Rimski-Korsakoff, Liadov e Tcherepin, e desenvolveu um grande interesse pelas obras de Scriabin, Debussy e Strauss. Estreou-se como pianista em 1908, criando um grande impacto e ficando associado a uma modernidade de vanguarda que como compositor não infirmaria. Em 1914 fez uma viagem a Londres onde pôde contactar com a obra de Stravinski, sendo convidado a compor para os *Ballets Russes* de Diaghilev. Em Maio de 1918 parte para os EUA, empreendendo uma viagem (com longas intermitências nomeadamente por França, onde reside a partir de 1922) que o traz de volta à URSS apenas 18 anos depois. O processo de reconciliação com o seu país de origem será simbolizado pela encomenda do bailado *Romeu e Julieta* para o Teatro Bolshoi de Moscovo, obra que veria a sua estreia em 1938. Ao nível da linguagem musical, Prokofieff acentua progressivamente um carácter classicista nas formas, com uma imaginação harmónica muito trabalhada e um lirismo melódico que caracterizará todo o seu período soviético.

A Sinfonia nº 5 foi composta em 1944, mas seria apenas estreada em Moscovo a 13 de Janeiro de 1945, afirmando-se como uma obra de carácter patriótico, com uma função de música de regime. Prokofieff

acreditava na função social do compositor. A Sinfonia nº 5 foi, para si, um regresso à forma sinfónica após 14 anos de afastamento. A sua composição e orquestração foram concluídas em pouco mais de dois meses, durante a sua estadia em Ivanovo na sequência da evacuação de artistas e compositores da cidade de Moscovo por razões de segurança. A estreia, dirigida por si, foi coroada de enorme sucesso, tanto da parte do público como da crítica.

O primeiro andamento, *Andante*, está baseado na forma-sonata e inclui uma série de amplas melodias que se sobrepõem às mudanças rítmicas e harmónicas subjacentes. Após a reexposição, o andamento conclui-se com o tema de abertura transformado. O segundo e o terceiro andamentos são de grande contraste: o *Allegro marcato* (que utiliza materiais esboçados inicialmente para o bailado *Romeu e Julieta*) assenta num *scherzo* tripartido em que temos uma linha de baixo em *ostinato*, um momento melódico de grande lirismo e ligeireza, e finalmente um tema que remete para uma dança russa; e o *Adagio* tem um cariz sério e sombrio em que o tema inicial, apresentado pelo clarinete, é repetido em variações diversas até ao momento em que a orquestra atinge o auge, que se resolve na *coda* que remete para o tema original. No último andamento, *Allegro giocoso*, sob a forma rondó, o carácter patriótico da sinfonia é bem marcado pelas melodias com carácter de hino e com um forte sentido triunfal.

ROSA PAULA ROCHA PINTO [2007]

STEFAN BLUNIER DIRECÇÃO MUSICAL

Desde 2008, Stefan Blunier é Director Geral de Música da Cidade de Bona, acumulando os cargos de Maestro Titular da Orquestra Beethoven de Bona e da Ópera de Bona. Sob a sua direcção carismática, a orquestra tem-se tornado cada vez mais requisitada para apresentações no estrangeiro, com destaque para digressões na China e EUA, onde regressa em 2016. Conquistou dois prémios ECHO Klassik para “disco de ópera do ano” (*Der Golem* de Eugen d’Albert, 2011; e *Irrelohe* de Schreker, 2012). A recente gravação das Sinfonias nºs 1 e 5 de Beethoven foi também nomeada para o ECHO Klassik.

Foi Maestro Convidado Principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-13), tendo realizado gravações e digressões, incluindo apresentações no Concertgebouw de Amsterdão, na Alemanha, Áustria e Eslovénia. Regressa a Bruxelas todas as temporadas.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Filarmónica de Ludwigshafen, a Orquestra Sinfónica de Duisburg e numerosas orquestras na Dinamarca, Bélgica, Coreia, Suíça e França. Entre os compromissos recentes e próximos incluem-se: Sinfónica NHK, Filarmónica de Estugarda, Sinfónica Nacional da Irlanda, Sinfónica do Porto Casa da Música, Sinfónica Escocesa da BBC, Filarmónica de Rheinland-Pfalz, Filarmónica do Sul dos Países Baixos, Rádio Norueguesa e Sinfónica Century de Osaka.

Tem trabalhado nas companhias de ópera de Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda e Berlim (Deutsche Oper e Ko-

mische Oper), bem como em Montpellier, Oslo, Bona e Londres. Entre as produções mais recentes incluem-se uma nova produção de *Tristão e Isolda* com a Ópera de Bona (encenação de Vera Nemirova), *Elegia para Jovens Amantes* de Henze (English National Opera), *Diálogos de Carmelitas* de Poulenc e *O Amor das Três Laranjas* na Komische Oper de Berlim, *Elektra* e *Tannhäuser* em Bona, *Daphne* na Ópera de Frankfurt, *Rigoletto* na Ópera de Zurique e *Os Contos de Hoffmann* na Ópera Norueguesa. A sua programação reflecte também um interesse especial no repertório do final do século XIX e início do século XX e na música contemporânea – dirigiu óperas como *Irrelohe* e *Das Spielwerk* de Schreker, *Krol Roger* de Szymanowski, *Der Rattenfänger* de Cerha e a estreia alemã de *L’amour de loin* de Saariaho.

Natural da Suíça, Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção na Escola Superior de Folkwang em Essen, e destacou-se inicialmente como maestro e pianista. A sua carreira de maestro floresceu nas companhias de ópera da Alemanha, tendo sido Maestro Titular Associado no Teatro de Mannheim e Director Musical e Maestro Titular no Teatro de Darmstadt (2001-2008).

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Christoph König

maestro titular

Baldur Brönnimann

maestro titular indigitado

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rohrer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpčeski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris, Alban Gerhardt, Pierre-Laurent Aimard ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin e Peter Eötvös.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de

Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados, bem como a diversas acções educativas, incluindo o projecto “A Orquestra vai à escola”, workshops de composição para jovens compositores e a masterclasses de direcção com o maestro Jorma Panula.

A interpretação da integral das sinfonias de Mahler marcou as temporadas de 2010 e 2011. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha e Maria João com David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Zofia Wóycicka
José Pereira*
Radu Ungureanu
Vadim Feldblioum
Emília Vanguelova
Tünde Hadadi
Ianina Khmelik
Andras Burai
Vladimir Grinman
José Despujols
Alan Guimaraes
Roumiana Badeva
Ana Madalena Ribeiro*
Jorman Hernandez*
Raquel Santos**

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Francisco Pereira de Sousa
Lilit Davtyan
José Paulo Jesus
Paul Almond
Mariana Costa
Domingos Lopes
Vitor Teixeira
José Sentieiro
Germano Santos
Nikola Vasiljev
Tiago Moreira**

Viola

Javier López*
Joana Pereira
Anna Gonerá
Emília Alves
Luís Norberto Silva
Jean Loup Lecomte
Hazel Veitch
Francisco Moreira
Theo Ellegiers
Biliana Chamlieva
Fábio Vidago**

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Michal Kiska
Bruno Cardoso
Aaron Choi
Sharon Kinder
Hrant Yeranossyan
Américo Martins*
Vanessa Pires*
Jorge Municio Corcho**

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Nadia Choi
Tiago Pinto Ribeiro
Jean Marc Faucher
Altino Carvalho
Domingos Ribeiro*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Ana Rita Oliveira*
Inês Pinto*

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Eldevina Materula
Jean-Michel Garrett

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
António Rosa
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Pedro Silva

Trompa

Paulo Guerreiro*
José Bernardo Silva
Bohdan Sebestik
Hugo Carneiro

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Ruben Tomé*
Nuno Martins

Tuba

Jorge Viana*

Timpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Nuno Simões
Paulo Oliveira
André Dias*
Sandro Andrade*
Pedro Góis*

Harpa

Ilaria Vivan

Piano/Celesta

Luís Filipe Sá*

*instrumentistas
convidados

**estagiários da ESMAE

CONSELHO DE FUNDADORES**PRESIDENTE**

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

VICE-PRESIDENTES

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

ACA GROUP

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AXA PORTUGAL, COMPANHIA DE SEGUROS, S. A.

BA VIDRO, S. A.

BANCO ESPÍRITO SANTO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES

INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÊS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

GRUPO SOARES DA COSTA, SGPS, S. A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS

E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

OLINVESTE - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PORTO EDITORA, LDA.

PORTUGAL TELECOM, SGPS, S. A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS

DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS

TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

CIN S. A.

CREATE IT

DELOITTE

GRUPO DOUROAZUL

EFACEC

EUREST PORTUGAL

JOFEBAR

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANCA S. A.

VICAIMA

OUTROS APOIOS

DILIVA - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS

IMOBILIÁRIOS, S. A. , É PATRONO DO MAESTRO TITULAR

DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

RAR

PATHENA

I2S

VORTAL



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA



PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



GOVERNO DE
PORTUGAL
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA



BPI